

JOÃO NELY NIEDERAUER DE SOUZA

MINIBASQUETE: QUAL É A SUA IDENTIDADE ?

aluno cumprir os
gêncios do curso com
ta monografia que conti
nirá na reflexão dos valores
do Esporte para crianças.
A nota referente ao
trabalho é "A".

TRABALHO APRESENTADO COMO EXERCÍCIO
PARA O CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM
EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR DA FACULDA-
DE DE EDUCAÇÃO FÍSICA DA UNIVERSIDA-
DE ESTADUAL DE CAMPINAS, SOB A ORIE-
NTAÇÃO DO PROF. MESTRE EDUARDO LUIZ
PELLEGRINETTI.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

CAMPINAS - 1991



JOÃO NELY NIEDERAUER DE SOUZA

MINIBASQUETE: QUAL É A SUA IDENTIDADE?

TRABALHO APRESENTADO COMO EXIGÊNCIA
PARA O CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM
EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR DA FACULDA-
DE DE EDUCAÇÃO FÍSICA DA UNIVERSIDA
DE ESTADUAL DE CAMPINAS, SOB A ORIEN
TAÇÃO DO PROF. MESTRE ÍDICO LUIS
PELLEGRINOTTI.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
CAMPINAS - 1991

A minha esposa Maria Leonor
e meu filho Mateus

DEDICO

AGRADECIMENTOS

À todas as pessoas que tornaram este trabalho possível.

À todos professores do Curso de Especialização, que foram os mestres que necessitamos, em especial ao Prof. Dr. JOÃO BATISTA FREIRE, pela pessoa e mestre que é.

AGRADECIMENTO ESPECIAL

Ao meu Orientador, Prof. Mestre ÍDICO LUIS PELLEGRINOTTI, por sua paciência e compreensão. Um educador e um amigo.

ÍNDICE

	Página
1. INTRODUÇÃO	1
1.1. O jogo	4
1.2. Esporte	7
2. O ESPORTE NA EDUCAÇÃO FÍSICA (Escolar)	12
3. MINIBASQUETE	15
3.1. As Regras	18
4. DELIMITAÇÃO DA PESQUISA	19
5. METODOLOGIA	19
5.1. Instrumento Utilizado para a Pesquisa	19
6. RESULTADOS E DISCUSSÃO	21
6.1. Regras	22
6.2. Questionário	28
7. CONCLUSÃO	45
BIBLIOGRAFIA FINAL	49
ANEXO I - Questionário	51

¹ Roberto Pass, Aprendizagem e competição precoce; o caso do basquetebol, p. 3.

² Ibid., p. 3.

1. INTRODUÇÃO

A preocupação com o trabalho de iniciação esportiva tem sido maior nos últimos anos. Com a valorização crescente dos esportes na última década, as crianças começaram a procurar escolinhas de iniciação esportiva. Praticamente todas as equipes de alto nível, atualmente, têm escolinhas de iniciação esportiva para suprir a categoria adulta. Muitos problemas têm surgido e consequentemente muitos pesquisadores têm estudado o assunto. Paes⁽¹⁾ em sua tese de mestrado já detectou muitos problemas no minibasquete masculino que também afetam o feminino. Tratava-se em última instância a substituição, a substituição do jogo pela competição, ao invés de privilegiar aspectos pedagógicos para a educação dos jovens⁽²⁾.

Adultos que trabalham com crianças apoiados no senso comum do esporte não percebem que não podemos igualar a maneira de se lidar com elas da mesma forma que com os adultos. Parece fácil, mas constantemente, temos visto tal atitude. A criança através do esporte tem que poder ser o que ela é, não o que os adultos querem que ela seja, sendo que muitas vezes, não está preparada para isso. "Os adultos, sempre, em toda parte, dão por certo os seus valores. ... Os processos chamados socialização e educação são programas que impomos à nossa realidade aos mais fracos - quer dizer, as crianças - através de um sutil processo de lavagem cerebral ou de um não sutil exercício de coerção física e psicológica. E assim, eles se tornam adultos. Por que fazemos isso?

¹ Roberto Paes, Aprendizagem e competição precoce; o caso do basquetebol, p. 3.

² Ibid, p.3.

Porque se quisermos preservar o nosso mundo, as crianças têm que jogar o jogo da vida de acordo com nossas regras. Assim, elas são socializadas, ou seja, sua imaginação e suas aspirações são contoadas e definidas por nós. Quando temos sucesso, dizemos que se tornaram maduras⁽¹⁾ (3).

Gostaria de apresentar alguns conceitos de educação, já que muito vai se falar do esporte e do minibasquete como meio para a educação do ser humano.

"Educar significa ajudar o indivíduo a melhorar humana e socialmente"⁽⁴⁾.

"..."A educação seria um processo pelo qual os seres humanos buscam sistematicamente ou assistematicamente o desenvolvimento de todas as suas potencialidades, sempre no sentido de uma auto-realização, em conformidade com a própria realização da sociedade"⁽⁵⁾.

"O processo de promoção do ser humano que, no caso, significa tornar o homem cada vez mais capaz de conhecer os elementos de sua situação de intervir nela, transformando-a no sentido de uma ampliação da comunicação e a colaboração entre os homens"⁽⁶⁾.

O objetivo que conferimos à educação é o de favorecer um desabrochar humano que permita ao homem situar-se, agir no mundo em transformação por:

³ Rubens ALVES, A gestação do futuro, p. 95.

⁴ José Maria CAGIGAL, !OH! Desporte; anatomia de um gigante, p. 177.

⁵ João Paulo MEDINA, A educação física cuida do corpo ... e "mente": laser para a renovação e transformação da Educação Física, p. 47.

⁶ Demerval SAVIANI, apud ibid, p. 47.

- um melhor conhecimento e aceitação de si
- um melhor ajustamento de conduta
- uma verdadeira autonomia e acesso à responsabilidade no âmbito da vida social"(7).

Pretendemos estudar as regras de minibasquete adotadas pela F.P.B. para o Campeonato Paulista de Minibasquete, investigar se ao adotar tais regras para o minibasquete feminino a F.P.B. estaria propiciando a tão reclamada educação. Ao mesmo tempo, podemos ver a diferença do minibasquete em relação às exigências dos adultos que, sem dúvidas, traz no bojo forma sócio-cultural diferente quando observado pela ótica educativa.

Muito se fala em jogo e esporte, porém ambos estão vivos no Homem do presente, e já esteve do passado e, caminha para o do futuro, embora preocupados que estamos com o presente, não descartamos o futuro, embora o jogo e o esporte divididos pela ação de interveniência, sem dúvida, se os educadores mais especificamente os de Educação Física, não atuarem na preservação, ambos no futuro tenderão a perder os seus reais motivos aglutinadores que é cooperação e prazer.

Para melhor situarmos nossas questões - jogo e esporte - falaremos deles na visão dos estudiosos do tema.

⁷ Michel TARVERNIER, apud Jean Le Bouch, Rumo à ciência do movimento humano, p. 236.

1.1. O Jogo

O jogo é tão antigo na civilização que praticamente não podemos precisar o seu início. Segundo alguns autores, o jogo é:

..."Poderíamos considerá-lo uma atividade livre, consciente, tomada como "não séria" e exterior à vida habitual, mas ao mesmo tempo capaz de absorver o jogador de maneira intensa e total. É uma atividade desligada de todo e qualquer interesse material com a qual não se pode obter lucro, praticada dentro de limites especiais e temporais próprios. Segunda uma certa ordem e certas regras" (8).

"A atividade lúdica representa este "gasto" de atividade física e mental que não tem finalidade imediatamente útil, nem mesmo objetivo definido e cuja única razão de ser, para consciência daquele que a ela se entrega, é o próprio prazer nela encontrado. É jogo toda atividade despendida sem finalidade exterior a ela mesmo, "pelo prazer" (9).

"... é correto olharmos para o jogo como um fenômeno social, como uma forma de atividade humana específica, atrativa e recreativa (independentemente das solicitações físicas e psíquicas, e, ao mesmo tempo, educativa. Dizemos educativa uma vez que constitui também meio de integração social através da atividade lúdica" (10).

O jogo possui na sua essência a alegria e o pra-

⁸ Johan HUIZANGA, Homo Ludens, o jogo como elemento da cultura. p. 18.

⁹ Jean LE BOUCH. Rumo à ciência do movimento humano, p. 47.

¹⁰ Leon TEODORESCU, Problemas da teoria e metodologia nos jogos desportivos, p. 22.

zer e é por isso que as pessoas jogam. Ao trabalharmos com crianças não podemos nos esquecer que o jogo para elas deve proporcionar a alegria e o prazer.

"A criança como o adulto - joga para o seu próprio prazer" (11).

"A natureza... nos deu a tensão, a alegria e o divertimento do jogo" (12).

Como professores de Educação Física, não podemos nos esquecer que o jogo é uma das ferramentas mais valiosas que possuímos.

"Num contexto de Educação Escolar, o jogo proposto como forma de ensinar conteúdos às crianças aproxima-se muito do trabalho. Não se trata de um jogo qualquer, mas um jogo transformado em instrumento pedagógico, em meio ensino" (13).

O jogo também tem sua importância no desenvolvimento da criança e é por isso que devemos saber trabalhar com ele:

"Como a criança ainda não está amadurecida para as atividades produtoras, o jogo é para ela o único meio de ostentar sua personalidade, de realizar o seu "eu" (14).

Nós, como adultos, temos que levar em consideração que o jogo das crianças é diferente do jogo dos adultos e, não podemos julgá-las pelos novos critérios.

¹¹ Ibid, p. 22

¹² Johan HUIZANGA, Homo Ludens; o jogo como elemento da cultura. p. 5.

¹³ João Batista FREIRE, Educação de corpo inteiro; teoria e prática da Educação Física, p. 119.

¹⁴ Jean LE BOUCH, Rumo à ciência do movimento humano, p. 49.

"É o perigo de "julgar" o jogo das crianças com critérios dos adultos que fazem dele uma atividade de baixa tensão, sem exigência de nenhum esforço. Para favorecer o desenvolvimento da criança é preciso, pois, ver em sua atividade lúdica o protótipo da atividade criadora necessária à expressão de sua personalidade. Fazer com que as crianças brinquem e facilitar suas experiências individuais e coletivas é, assim, uma tarefa essencial do educador, como já salientara Clapearedé" (15).

O jogo possui suas regras que são essenciais para que ele aconteça. Geralmente são simples e depois de acordadas entre os participantes, não é tão necessário que alguém as controle, os próprios jogadores tomam conta do jogo. O exemplo disso é quando as crianças jogam na rua futebol, taco, bolinha de gude, etc. As regras já existem e dificilmente vemos alguém que não sejam os próprios controlando o que fazem. "O jogador que desrespeita as regras ou as ignora, é um desmancha prazeres, portanto torna-se necessário expulsá-lo, pois ele ameaça a existência da comunidade de jogadores.

Quando falamos em regras do jogo podemos observar que certos jogos possuem suas regras que denominamos como culturais, ou sejam os jogos mencionados acima é passado de geração para geração e não vemos escrito em lugar algum.

¹⁵ Jean LE BOUCH, Rumo à ciência do movimento humano, p.50.

1.2. ESPORTE

Hoje, quase um século após a primeira Olimpíada da Era Moderna, realizou-se o sonho de Pierre Gubertin, promover os jogos esportivos entre todas as nações do mundo.

Afinal o que é esporte? Segundo alguns pensadores o esporte é:

"É a manifestação de uma atividade física exercida pelo homem, a fim de fruir as qualidades do corpo, desenvolvê-las, medi-las ou compará-las, consoante regras geralmente adotadas" (16).

"... O esporte como elemento apto para promover a mais estável comunhão dos povos... solidariedade, fraternidade e mutua compreensão e pleno respeito a integridade e dignidade do ser humano" (17).

"O desporto é um fenômeno social. O desporto é uma criação do homem, que apareceu e se desenvolveu simultaneamente com a civilização" (18).

"O esporte no fundo é pura e simplesmente uma festa social" (19).

Como podemos ver, o esporte pode e é muito mais do que simplesmente praticar uma modalidade esportiva. O espor-

¹⁶ Jofre DUMAZEDIER, Olhares novos sobre o desporto, p. 23.

¹⁷ Carta Internacional da Educação Física e Esporte UNESCO, apud José Maria CAGIGAL, OH! Desporto; anatomia de um gigante, p.181.

¹⁸ Leon TEODORESCU, Problemas da teoria e metodologia nos jogos desportivos, p. 15.

¹⁹ José Maria CAGIGAL, OH! Desporto; anatomia de um gigante, p. 29.

te deve ser um meio para desenvolver o ser humano, o aproveitamento dos seus valores educativos, também como uma arte a ser cultivada pelos povos. "O esporte é fundamentalmente atividade do homem completo" (20). Ou ainda, "Nós não somos fanáticos do desporto: Na educação do homem reclamamos para ele o lugar que lhe compete, mas nada mais que este lugar" (21).

O esporte não se encerra apenas nas suas condutas físicas, os seus valores educativos são muito maiores do que simplesmente ser o melhor. O que deve ser entendido que a simples definição do que é esporte, não o define totalmente, pois existem outras possibilidades que gravitam em torno dele. Mas o esporte envolve pessoas possuidoras de todos os sentimentos e não só de qualidades físicas, no nosso entender, acreditamos que antes do esporte está em jogo todos os sentimentos, por isso que provoca em seus seguidores, atletas ou não, reações diferentes.

Desde a primeira Olimpíada, em 1896, muita coisa mudou nos esportes, foram se modernizando, a ciência entrou no esporte para se obterem mais e melhores resultados. Atualmente, o esporte tem sofrido muitas influências e tomado rumos que não são aqueles que gostaríamos. Vamos ver o que pensam alguns autores sobre isso:

"O que era um jogo no início, converteu-se progressivamente em trabalho para os produtores de recordes, resultando daí o desempenho progressivo do profissionalismo liberal ou de estado, conforme o sistema social em que desenvolve. Em última análise, em muitos esportistas, o corpo passou a ser uma

²⁰ José Maria CAGIGAL, OH! Desporto; anatomia de um gigante, p. 83.

²¹ Jofre DUMAZEDIER, Olhares novos sobre o desporto, p. 28.

máquina de produzir desempenhos, o que exige um trabalho considerável chamado treinamento. Aliás, esta perseguição quase obsessiva do desempenho e do recorde, não é apenas o feito dos campeões renomados, isto é, por profissionais, mas manifesta-se também nos praticantes mais modestos para quem o campeão representa um verdadeiro modelo" (22).

"Cuja única motivação real entre nós, é a de obter o maior número de vitórias que a "máquina humana" (o atleta) alcance o melhor rendimento. Tudo isto sem se preocupar com o fato de o indivíduo ser total ou parcialmente "cilindrado" por uma lógica anti-humanista que faz do atleta uma peça menor da grande engrenagem do desporto do que para o dinheiro" (23).

"... no caso do esporte de alta competição, onde os objetivos se voltam para o rendimento e o resultado, a vida mais plena do homem não podem, em hipótese alguma, ficar comprometida. Qual é o sentido de um esporte que se esqueceu que existe para melhorar a qualidade de vida dos homens, e não para robotizá-la na busca obsessiva e indiscriminada do recorde ou do primeiro lugar, transformando-os, às vezes, em monstros humanos" (24).

"A imagem do esporte, do que seja ou deva ser, está encoberta pelo grande esporte competitivo. Quando se fala de esporte, em seguida se pensa em campeões e recordes. Esta imagem predominante reiteradamente maculada pelos meios de difusão, se apodera da criança que simplesmente faz esporte em seu bairro

²² Jean LE BOUCH, Rumo à ciência do movimento humano, p. 54.

²³ Antonio Mello de CARVALHO, apud, Leon TEODORESCU, Os problemas de teoria e metodologia nos jogos desportivos, p. 9.

²⁴ João Paulo MEDINA, Educação Física cuida do corpo e... "mente": lazer para a renovação e transformação da Educação Física, p. 63.

ou na escola; este desportista elementar se identifica sem querer com aquele esporte" (25).

O esporte não pode se reduzir apenas à procura do rendimento de alto nível somente, como já vimos, tem influência em todos os segmentos da sociedade, por isso devemos ter muito cuidado ~~para~~ que pessoas ^{elas} se aproveitem ~~para~~ se promoverem, sendo que muitas vezes não entendem absolutamente nada de esporte e nem fazem parte do meio esportivo, não contribuindo em nada para o seu desenvolvimento. Vejamos o que diz Cagigal sobre essas influências no esporte. "Uma espécie de submundo, sub cultura, sub sistema social; certo gênero de sociedade paralela, mas muito forte, cada vez mais consistente, inclusive mais influente, de crescente prestígio, sobretudo trazendo o impacto do exibicionismo político. Por isso, em todos os níveis se produz uma espécie de luta pelo acesso ao poder desportivo" (26).

Nós queremos um esporte que atinja todos os segmentos da sociedade não importante se vamos ~~dai~~ retirar daí campees, devemos sim dar oportunidades a todas as pessoas de praticarem esporte não importando o seu nível social. Recentemente pudemos observar vários gestos que o esporte nos proporcionou, onde ~~nos~~ deparamos com o lado da relação humana, dos valores que cada um encarna. Quando vimos Fidel Castro reconhecer a superioridade do adversário (Brasil) na entrega das medalhas nos jogos Panamericanos, em Cuba, para o Basquete Feminino (1991), onde brincou e conversou com as jogadoras brasileiras, mostrou que o esporte serve para aproximar as pessoas, mesmo em Cuba, onde o esporte é tido como propaganda ideológica de um regime totalitá-

²⁵ José Maria CAGIGAL, OH! Desporte; anatomia de um gigante, p. 49.

²⁶ Ibid, p. 30.

rio, como todos sabemos, Fidel deu mostras de ser um grande desportista. No grande prêmio de Suzaka (Japão), Nigel Mansell cum primentando Senna pela vitória, reconhecendo a superioridade do adversário, também mostrou ao mundo que é um grande desportista. E o mais recente é o do jogador de Basquete profissional americano, Earwin "Magic" ^{Johnson} Johnson um dos mais brilhantes da NBA, que anunciou ser portador do vírus da AIDS, mostrando que além de grande desportista é um ser humano consciente do seu papel na sociedade.

Como se pode perceber, os exemplos que o esporte nos dá são muitos e tais gestos não são isolados na prática esportiva, muitos são os gestos que o enobressem e o solidifica como arte. Porém, necessitamos despertar esses valores nas pessoas dentro e fora dos campos esportivos.

2. O ESPORTE NA EDUCAÇÃO FÍSICA (ESCOLAR)

A Educação Física no Brasil tem uma história de várias influências alheias à nossa realidade, que ainda continua a sofrer de diferentes segmentos da sociedade. Entretanto, nos últimos anos temos notado o surgimento de novas idéias, onde a preocupação é com o ser humano como um ser total e não mais com a visão dualista do homem: corpo e mente. Entre as pessoas que se levantaram contra uma Educação Física que se mantém estagnada, tecnicista e alienante e preocupada em receber fórmulas já preparadas, não se importando para que, quando, onde e etc, destacam-se no nosso ponto de vista, Medina (1986) e Freire (1989).

Surge, então, a preocupação com o ser humano possuidor de uma história de vida que deve ser levada em consideração, com o meio social de onde vem, que possui limitações e virtudes.

"O que pretendo é, tão somente demonstrar a necessidade de uma compreensão tão global quanto possível da nossa existência, enquanto fenômeno essencialmente humano, recuperando assim os seus mais legítimos valores, entre eles a própria dimensão do corpo, pois será desta visão do homem em seu mundo concreto que dependerá a atuação mais efetiva de todos aqueles que pretendem exercer coletivamente o papel de agentes renovadores e transformadores da cultura que vivem.

E por acaso não seria exatamente este o papel de todo verdadeiro educador, portanto, também do próprio professor de Educação Física⁽²⁷⁾.

²⁷ João Paulo MEDINA, Educação Física cuida do corpo e... "mente": bases para a renovação e transformação da Educação Física, p. 23.

A Educação Física tem constantemente desperdiçado as oportunidades de se firmar perante a sociedade como um verdadeiro agente de transformação do ser humano, ser realmente educação, onde o que realmente importa é o nosso aluno. Moreira (1991) faz uma crítica à Educação Física que não muda esses valores e diz: "Padronizar comportamentos, exigir silêncio e ordem em nome do processo educativo ou mesmo encarar o corpo do aluno como um objeto a ser adestrado e disciplinado não é, em hipótese alguma, privilégio de uma Disciplina Curricular de escola ou de alguns poucos representantes dessa área" (28).

O esporte é utilizado pela Educação Física como meio de desenvolver suas atividades. O esporte proporciona um grande número de atividades, onde o professor pode e deve desenvolver o seu aluno, não só tecnicamente, mas com todos os valores que o esporte nos oferece. O que deve ficar bem claro para o professor é: O esporte dentro da Educação Física Escolar não deve e não pode ser apenas uma reprodução de gestos técnicos e uma tática muitas vezes incompreensível para o aluno. O professor deve ser um agente transformador do seu aluno, independente da sua habilidade, e pode utilizar o esporte para isso. O aluno como ser humano tem o direito de praticar esportes dentro de suas possibilidades, sem a preocupação de reproduzir o esporte de alto nível, mas sim uma prática esportiva que deve durar uma vida e não apenas no período escolar. Diecrert (1986) (29), fala sobre o esporte na escola "... o caminho para o esporte de alto nível é uma trilha estreita que só poderá ser disputada por alguns poucos selecionados. A escola não se presta para isso. O caminho da escola é uma larga avenida para milhões de crianças e jo-

²⁸ Wágner Wey MOREIRA, Educação Física Escolar: uma abordagem fenomenológica, p. 186.

²⁹ Jürgenss DIECRERT, Elementos e princípios da Educação Física; uma antologia, p. 15.

vens que encontram no esporte para todos através de uma ampla oferta de Educação Física organizada de acordo com suas necessidades e orientada para o tempo livre, um companheiro para toda vida" (30).

O esporte não só como prática, mas também como cultura para o aluno, onde vai aprender o que significa esporte, conhecer os seus valores. Ao assistir um evento esportivo ter a noção das suas regras, seu comportamento ser civilizado, não sendo necessário agredir e ofender alguém ao final do espetáculo; como vemos todos os dias pelo nosso país. É necessário aproveitarmos o valor cultural do esporte, para ensinarmos que o evento que estão assistindo não se encerra ali.

"O conhecimento e a prática do desporto constituem atos de cultura: a cultura desportiva - tal como a cultura física - representam domínios da cultura material e espiritual universal" (31).

O desporto que é acima de tudo um meio de cultura, por certo ele comporta também a busca do resultado e da distração mas aos olhos desses desportistas ele é, essencialmente um meio de se aperfeiçoar e de se tornarem homens mais completos" (32).

³⁰ Ibid, p. 18.

³¹ Leon TEODORESCU, Os problemas de teoria e metodologia nos jogos desportivos, p. 15.

³² Jofre DUMAZEDIER, Olhares novos sobre o desporto, p. 11-2.

3. MINIBASQUETE

O Basquetebol foi inventado no ano de 1891, pelo professor canadense James Naismith. Nos Estados Unidos, foi introduzido nos jogos Olímpicos em Berlim, em 1936, só o masculino, tendo como primeiro campeão os Estados Unidos, o feminino só foi introduzido em Montreal, em 1976, tendo como primeira campeã a União Soviética. O basquetebol é um dos esportes mais populares do mundo, sendo em muitos países o esporte preferido.

Com a evolução desse esporte, surgiu o interesse natural das crianças em praticá-lo, surgiu o minibasquete, em 1950, nos Estados Unidos. Jay Archer, um ex-jogador de basquete e professor de Educação Física, percebendo a dificuldade das crianças após muitas tentativas, teve a idéia de diminuir a altura da tabela e jogar com uma bola menor. Com sua divulgação o mini teve uma grande aceitação no mundo inteiro. Essa aceitação como pré-desporto, mereceu as atenções e estudos de especialistas em Ciências Pedagógicas, técnicos desportivos, psicologia educacional, e a Federação Internacional de Basquetebol Amador (FIBA) sensível a isso, criou o Comitê Internacional de Minibasquete. Esse Comitê se preocupa com os objetivos mais amplos do Minibasquete e suas regras.

O minibasquete é o basquetebol adaptado às possibilidades biológicas das crianças de ambos os sexos (7 a 12 anos), respeitadas as características, necessidades e interesse de seus participantes.

O mini é recomendado para iniciar as crianças nas atividades desportivas ajudando-as a adquirir conhecimento e a ganhar experiências por si mesmas; e chegar às suas próprias soluções em vez de aceitar as dos outros. Também para se por ao

alcance das crianças todas as vantagens e valores educativos do basquetebol, de tal forma que não sejam esforços incompatíveis com a idade de seus participantes.

O minibasquete destina-se a todas as crianças e não às mais "hábeis" ou melhor dotadas fisicamente. O seu campo de ação é a infância e seus objetivos essenciais se dirigem à Educação.

- O ESPÍRITO E OS OBJETIVOS

O campo de ação do minibasquete é a infância e seus objetivos essenciais se dirigem à educação. O mini deve ser o esporte em forma de jogo para iniciar as crianças nas atividades desportivas, conduzi-las a uma disciplina coletiva e individual com referência às leis e às regras livremente aceitas, e desenvolver nelas os princípios morais e indispensáveis: respeito a si mesmo e ao adversário, lealdade, abnegação, obediência e espírito de equipe.

Deve ser um exemplo de bondade, amor e unidade fraterna, em extensão mundial, superando nossas tendências, egoísmos e individualidades, por um bem geral que nos una a todos, dando-nos paz interior e fazendo-nos sentir um pouco melhor.

O movimento do minibasquete não pode ser exclusivista em nenhum aspecto. Do mesmo modo que almejamos que ele venha reunir todas as crianças, é necessário dizer que o essencial é criar em todas as crianças, mesmo que ele seja baseado através do basquetebol.

- PRINCÍPIOS NORTEADORES DO MINIBASQUETEBOL

. Dirigentes

O jogo deve se converter em um dos meios mais importantes de Educação Infantil.

Se no futuro se pretende contar com homens é necessário educar as crianças.

É mais importante criar um homem íntegro do que criar um campeão.

. Praticantes

A finalidade não é vencer, é aperfeiçoar-se.

Antes de dominar a bola é necessário dominar-se a si mesmo.

O jogador da equipe contrária não é um inimigo, é um companheiro.

O regulamento existe para ser conhecido, respeitado e cumprido.

. Objetivos

Aproveitar a espontaneidade do jogo para educar e desenvolver nas crianças qualidades físicas e psicológicas.

Criar hábitos desportivos nas crianças para que se sinta interessada na prática de desportos.

Fomentar na criança a tendência do jogo limpo e cavalheirismo.

Fazer chegar aos lugares mais distantes a prática do desporto, não como um luxo, mas como uma necessidade para o desenvolvimento da crianças.

Nunca devemos nos esquecer que estamos lidando com crianças, e com elas tudo deve ser amor, ternura e alegria.

3.1. AS REGRAS

Todos nós sabemos que não deve existir no mundo, qualquer tipo de jogo onde não existam regras. Elas são essenciais e fazem parte do jogo. "...estas regras são um fator muito importante para o conceito do jogo, todo jogo tem suas regras. São elas que determinam aquilo que vale dentro do mundo temporário por ele circunscrito. As regras de todos são absolutas e não permitem discussões" (32).

Não estamos aqui para negar as regras, pelo contrário, queremos que estas regras sejam respeitadas em favor do jogo e das crianças que o praticam, este trabalho não visa negar as regras e sim adequá-las a seus participantes. Reconhecemos sua importância para o jogo e também para o desenvolvimento do ser humano. "E principalmente dos seis aos 12 anos de idade, que sem substituir inteiramente os jogos individuais, os jogos coletivos vêm aumentar sua posição na vida da criança. Esses jogos coletivos, na maior parte com dominância motora são favoráveis à compreensão e aceitação das regras que progressivamente matizam a liberdade da criança no plano lúdico. A regra do jogo, mutuamente consentida pelos diferentes membros dos grupos desempenha, segundo Piaget, um papel essencial no desenvolvimento da criança, desde que não seja vivida como uma imposição do adulto" (33).

O nosso objeto de estudo, são as regras de minibasquete da FIBA e as regras de minibasquete da F.P.B. Gostaríamos de discutir as regras e vamos colocar as regras oficiais pa-

³² Jofre DUMAZEDIER, Olhares novos sobre o desporto, p. 11-2.

³³ Antonio Mello de CARVALHO, apud Leon TEODORESCU, Os problemas de teoria e metodologia nos jogos desportivos, p. 9.

ra que possamos fazer uma comparação entre as três e vamos comentar 10 itens que nos parecerem conflitantes com os objetivos reais do mini.

4. DELIMITAÇÃO DA PESQUISA

A pesquisa foi realizada no Estado de São Paulo, com técnicos de minibasquetebol que disputam ou disputaram o Campeonato Paulista de Minibasquete feminino organizado pela Federação Paulista de Basquete.

5. METODOLOGIA

A pesquisa foi realizada observando as regras da Federação Paulista de Basquete (F.P.B.) e da Federação Internacional de Basquetebol Amador (FIBA) para a categoria minibasquete. E as opiniões dos técnicos envolvidos nos eventos organizados pela F.P.B. no período de 1987 a 1991.

Foram escolhidos para a pesquisa os técnicos das equipes que durante o período já citado, obtiveram uma das quatro primeiras colocações (1º, 2º, 3º e 4º lugar).

As cidades escolhidas foram 5: Santo André (1 técnico), Sorocaba (3 técnicos), Jundiaí (2 técnicos), Piracicaba (2 técnicos) e São Paulo (2 técnicos), num total de 10 técnicos.

5.1. INSTRUMENTO UTILIZADO PARA A PESQUISA

5.1.1. Regras Oficiais de Minibasquete da FIBA, livro de regras da Secretaria dos Desportos da Presidência da República.

5.1.2. Regras Oficiais de Minibasquete da F.P.B., distribuída em regulamento enviado aos Clubes.

5.1.3. QUADRO I - Regras da FIBA, da F.P.B. e Regras Oficiais.

Item	REGRAS DA FIBA	REGRAS DA F.P.B.	REGRAS OFICIAIS
1	IDADE - 12 anos	IDADE - 13 anos	
2	ALTURA DO ARO - 2,60m	ALTURA DO ARO - 2,75m	ALTURA DO ARO - 3,05m
3	BOLA - circunferência 68 a 73cm peso - 450 a 500g	BOLA - da marca Penalty circunferência - 72 a 74cm peso - 500 a 550g	BOLA - circunferência 75 a 78cm peso - 600 a 650g
4	COMPOSIÇÃO DAS EQUIPES 10 jogadores 5 em jogo 5 reservas obrigatórias	COMPOSIÇÃO DAS EQUIPES 12 jogadores 5 em jogo 5 reservas obrigatórias 2 opcionais	COMPOSIÇÃO DAS EQUIPES até 12 jogadores
5	OFICIAIS 1 árbitro 1 cronometrista 1 mesário	OFICIAIS 2 árbitros 1 cronometrista 1 mesário 1 op. de 30s	OFICIAIS 2 árbitros 1 cronometrista 1 mesário 1 op. de 30s
6	CONTAGEM DE PONTOS cesta de 2 pontos lance-livre 1 ponto	CONTAGEM DE PONTOS cesta de 3 pontos cesta de 2 pontos lance-livre 1 ponto	CONTAGEM DE PONTOS cesta de 3 pontos cesta de 2 pontos lance-livre 1 ponto
7	REGRA DOS 3s com tolerância	REGRA DOS 3s com rigor	REGRA DOS 3s com rigor
8	TEMPO DO JOGO 2 tempos de 20 minutos com intervalo de 10 minutos. Cada tempo é dividido em 2 períodos de 10 minutos, separados por um intervalo obrigatório de 2 minutos. O TEMPO NÃO É CRONOMETRADO	TEMPO DO JOGO 2 tempos de 20 minutos com intervalo de 10 minutos. Cada tempo é dividido em 2 períodos de 10 minutos, separados por um intervalo obrigatório de 2 minutos. O TEMPO É CRONOMETRADO	TEMPO DO JOGO 2 tempos de 20 minutos com intervalo de 10 minutos. O TEMPO É CRONOMETRADO
9	SUBSTITUIÇÃO cada jogador deve jogar pelo menos 1 período de 10 minutos, até o 3º período. Substituição livre apenas no 4º período	SUBSTITUIÇÃO cada jogador deve jogar pelo menos 1 período de 10 minutos até o 2º período. Substituição livre no 2º tempo. Os opcionais podem jogar no 1º ou 2º período.	SUBSTITUIÇÃO LIVRE
10	RESULTADO DO JOGO VITÓRIA EMPATE DERROTA	RESULTADO DO JOGO VITÓRIA DERROTA em caso de empate prorrogação de 5 minutos.	RESULTADO DO JOGO VITÓRIA DERROTA em caso de empate prorrogação de 5 minutos.

Questionário contendo 10 perguntas que procurou levantar as opiniões dos técnicos quanto as regras em disputa no Campeonato Paulista de Minibasquete Feminino, organizado pela F.P.B.

Os técnicos foram escolhidos e convidados a responder um questionário com perguntas abertas e fechadas.

6. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Como o nosso trabalho teve a preocupação de levantar as regras Oficiais da FIBA para o Minibasquete e as que são praticadas pela F.P.B. para o minibasquete feminino, bem como as opiniões dos técnicos envolvidos na categoria, vamos aos resultados e à discussão em duas etapas:

1º - As regras da FIBA versus F.P.B.

2º - As opiniões dos técnicos quanto as suas observações sobre o minibasquete.

6.1. REGRAS

- ITEM 1 - IDADE

A regra de minibasquete da FIBA diz: "ser praticada somente por jogadores de até 12 anos no máximo. Todo jogador que atinja a idade de 13 anos não pode mais participar de competições de MINIBASQUETE".

Como podemos observar no QUADRO I, as idades são diferentes. A F.P.B. adota a idade de 13 anos, como está na própria regra, quem tem 13 anos não pode participar do minibasquete. Normalmente as equipes procuram utilizar as jogadoras de último ano da categoria, ou seja, 13 anos. As equipes com menos recursos utiliza as jogadoras que têm, e muitas vezes, as equipes são compostas por jogadoras de 11 e 12 anos. As equipes que na sua maioria são compostas por jogadoras de 13 anos, leva uma vantagem, pois fisicamente são mais fortes, o que é ruim para o jogo de minibasquete, pois a vantagem é física e não técnica.

- ITEM 2 - ALTURA DO ARO

Como já vimos, a altura do aro das regras da FIBA é 2,60m e da F.P.B. é de 2,75m. A altura do aro da F.P.B. é 15cm mais alta que a regra da FIBA. Se compararmos com a altura do aro da regra oficial (3,05m), poderemos observar que a da regra da F.P.B. está muito próxima da oficial. Mesmo com a justificativa que a altura do aro estaria ficando muito baixa, pois a altura dos jogadores estaria aumentando não tem sentido. A altura do aro oficial desde 1891, ainda é a mesma, ou seja, 100 anos, e os jogadores de basquetebol têm aumentado sua altura assustadoramente. Para se ter uma idéia, um jogador com 2m de altura a al-

guns anos atrás era raro no basquetebol brasileiro. Atualmente, temos jogadores com esta altura na categoria infantil, infanto-juvenil e nem por isso a altura do aro foi modificada. Também, existem aqueles que defendem a modificação, alegando que é muito difícil a adaptação do jogador para jogar com a tabela oficial e com a bola oficial. Mas neste ponto pensamos ser simples, a solução é jogar-se com a bola menor até o jogador adquirir condições para jogos com a bola oficial.

A altura de 2,60m facilita muito para as crianças poderem jogar. Portanto deveria ser preservada pela F.P.B.

- ITEM 3 - A BOLA

A bola é o objeto mais desejado no minibasquetebol e obviamente quem controla melhor a bola fica com ela o maior tempo possível. Como se pode ver a bola das regras da FIBA tem uma circunferência e peso menor que a bola adotada pela F.P.B., que é a bola de couro da marca Penalty, quando existe um acordo, pode-se jogar com a bola de nylon. A bola da marca Penalty está muito próxima da bola oficial, o que dificulta a aprendizagem dos fundamentos. O domínio da bola (Penalty) é mais difícil justamente por ser maior e mais pesada.. Um dos principais fundamentos é o do arremesso, pois exige precisão e técnica. A bola é um dos pontos importantes na aprendizagem não só do arremesso, mas temos notado que neste fundamento é mais difícil de ser ensinado, pois a criança quer fazer a cesta e muitas vezes ela executa o movimento com alguns defeitos. A utilização da bola Penalty, pode estar influenciando na aprendizagem das crianças.

- ITEM 4 - COMPOSIÇÃO DAS EQUIPES

Pela regra da FIBA, uma equipe deve ser composta

de 10 jogadores: 5 titulares e 5 reservas obrigatórias. Essa regra tem por objetivo maior dar oportunidade para que todos os jogadores da equipe possam jogar, valorizando assim o ser humano. Na regra da F.P.B. são permitidos 12 jogadores; 5 jogadores no 1º período e 5 no 2º período e 2 opcionais. Esses opcionais podem entrar no primeiro ou no segundo período. À primeira vista, pode parecer que a F.P.B. estava bem intencionada pois dava oportunidade para mais crianças poderem jogar. Os 2 opcionais, como o próprio nome diz, não são obrigatórios no jogo.

Os opcionais surgiram como um antídoto para uma estratégia que alguns técnicos (?) utilizaram, que era a seguinte: mandavam um jogador fazer 5 faltas, o que o eliminava do jogo, então colocavam o seu melhor jogador, o que lhe dava a chance de ganhar o jogo. Atualmente, o 11º e o 12º jogadores são utilizados para melhorar teticamente a equipe.

- ITEM 5 - OFICIAIS (ARBITRAGEM)

A arbitragem no minibasquetebol é um dos pontos mais importantes. Antes de tudo o árbitro deve ser um "amigo" e não um censor.

Pelas regras da FIBA são necessárias 3 pessoas, enquanto que nas da F.P.B. são necessárias 5 pessoas, exatamente o mesmo número das regras oficiais. Essa diferença pode parecer que é melhor com 2 árbitros e operador de 30s, mas na verdade, o que acontece é um jogo de minibasquete exatamente igual ao do basquetebol dos adultos. A arbitragem se torna muito rígida e rigorosa, o que não é aconselhável para um jogo de crianças.

- ITEM 6 - CONTAGEM DOS PONTOS

Nas regras da FIBA a contagem de pontos é a seguinte: cesta de 2 pontos e lance-livre 1 ponto. Nas regras da F.P.B. é: cesta de 3 pontos, cesta de 2 pontos e lance-livre 1 ponto. Exatamente igual as regras oficiais. Com a existência da cesta de 3 pontos, existe uma tendência em se valorizar este tipo de arremesso, mesmo o técnico não treinando este tipo de arremesso, as crianças dão muita importância. Como já vimos nos itens 2 e 3, que são alterações da regra normal, uma cesta que vale 3 pontos, de uma distância maior, apesar de ser menor do que a oficial, pode causar problemas de aprendizagem no gesto do arremesso, pois vai exigir uma especialização do seu praticante.

- ITEM 7 - REGRA DOS 3s

Um jogador não pode ficar na área restritiva mais do que 3s, o popular "garrafão". A própria regra da FIBA recomenda que seja aplicada com tolerância e quando um jogador que não faz parte da jogada não devia ser aplicada. Ela se aplica no caso do minibasquete em 2 casos: presença de um jogador de grande altura e quando haja intenção de permanecer voluntariamente na zona para receber a bola. Nestes casos o árbitro previne as equipes da aplicação da regra. Nas regras da F.P.B. existe uma valorização muito grande desta regra tanto dos árbitros como dos técnicos que os pressionam para sua aplicação. Sendo assim, fica muito próxima da regra oficial. As crianças sabem que o lugar mais próximo da cesta é ali no "garrafão", sendo natural que elas ocupem esse lugar. Elas primeiro devem saber porque não devem ficar ali, e depois sim serem punidas pela violação. O que acontece é que os técnicos pressionam a arbitragem e esta para não se sentir incomodada faz a vontade dos técnicos, esquecendo-se das crianças.

- ITEM 8 - O TEMPO DE JOGO

Como se observa no QUADRO I, o tempo de jogo é o mesmo nas regras da FIBA como nas regras da F.P.B., mas a diferença é que o tempo nas regras da FIBA não é cronometrado e na F.P.B. é cronometrado, igual à regra oficial. As crianças são submetidas a um esforço físico muito grande, além do psicológico nas regras da F.P.B. Para se ter uma idéia um jogo de basquetebol adulto dura entre 1 hora e 30 minutos a 1 hora e 40 minutos normalmente; um jogo de minibasquete do Campeonato Paulista entre equipes equilibradas pode durar mais de 2 horas. É uma exigência muito grande, contrariando um dos objetivos do minibasquete, que é o respeito às capacidades físicas e psicológicas das crianças.

- ITEM 9 - SUBSTITUIÇÃO

No minibasquete existe a preocupação em valorizar o ser humano, por isso a equipe deve possuir 10 jogadores e todos devem participar do jogo. Nas regras da FIBA durante os 3 primeiros períodos as substituições só podem ser feitas no intervalo, no final desses 3 períodos, todos os 10 jogadores deverão ter participado pelo menos de um período do jogo, porém, não mais de dois. Nas regras da F.P.B. 5 jogadores jogam no primeiro período e os outros 5 no segundo período, sendo que no 2º tempo as substituições são livres. Nas regras da FIBA, apenas no 4º período são permitidas as substituições livres. Nas regras da F.P.B. ainda existe a possibilidade de se utilizar o 11º e o 12º jogador, um no primeiro período e outro no segundo período, como já foi visto no item 4. A regra da F.P.B. não é igual à oficial, mas está mais próxima.

6.2. QUESTÃO - ITEM 10 - RESULTADO DO JOGO

Nas regras da FIBA existe a vitória, a derrota e o empate. O minibasquete por não perseguir a vitória a qualquer custo, faz com que o empate seja perfeitamente justificado. Nas regras da F.P.B. existem apenas a vitória e a derrota, em caso de empate, acontece a prorrogação até se conseguir desempatar o jogo, igual à regra oficial.

QUADRO 2

Não vamos nos aprofundar no tema de derrotas e vitórias, vamos apenas mostrar que pode acontecer um jogo onde as equipes podem jogar; e ninguém perder o jogo e sair frustrado.

3 anos	3	30%	60%
5 anos	5	10%	90%
7 anos	1	10%	90%
10 anos	1	10%	90%
15 anos	1	10%	90%
20 anos	1	10%	90%

Como podemos observar no QUADRO 2, 60% dos técnicos possuem até 5 anos de experiência como minibasquete e 40% mais de 5 anos. Isto demonstra ao nosso ver, um fato que vem ocorrendo muito com o trabalho de minibasquete os técnicos mais inexperientes trabalham na iniciação, o que pode acarretar em sérios prejuízos para a formação tanto do atleta como da pessoa.

6.2. QUESTIONÁRIO

. Pergunta nº 1: Há quanto tempo trabalha com minibasquete?

29. pouco Dos 10 técnicos pesquisados 2(20%) trabalham há 2 anos; 3(30%); 1(10%) há 5 anos; 1(10%) há 7 anos; 1(10%) há 10 anos; 1(10%) há 15 anos e 1(10%) há 20 anos.

QUADRO 2

Tempo	Técnicos		
2 anos	2	20%	até 5 anos 60%
3 anos	3	30%	
5 anos	1	10%	+ de 6 anos 40%
7 anos	1	10%	
10 anos	1	10%	
15 anos	1	10%	
20 anos	1	10%	

Como podemos observar no QUADRO 2, 60% dos técnicos possuem até 5 anos de experiência como minibasquete e 40% mais de 6 anos. Isto demonstra ao nosso ver, um fato que vem ocorrendo muito com o trabalho do minibasquetebol: os técnicos mais inexperientes trabalham na iniciação, o que pode acarretar em sérios prejuízos para a formação tanto do atleta como da pessoa.

Nesta pergunta os técnicos demonstraram conhecer a teoria de como deve ser o trabalho com minibasquetebol, o que é muito positivo. Através da formação global da personalidade

. Pergunta nº 2: Responda colocando na ordem de importância, quais os objetivos do minibasquete?

1º. menos importante

2º. pouco importante

3º. importante

4º. o mais importante

a) formação de atletas para outras categorias ()

b) formação de atletas de alto nível ()

c) formação global da criança ()

d) formação de uma equipe mini para ganhar o campeonato ().

o menos importante: formação de uma equipe mini para ganhar o campeonato - 10

pouco importante : formação de atletas de alto nível - 6

importante : formação de atletas para outras categorias - 10

formação de atletas de alto nível - 4

formação global da criança - 1

o mais importante: formação global da criança - 9

Para os técnicos pesquisados, o menos importante é a formação de uma equipe mini para ganhar o campeonato (10). Pouco importante: a formação de atletas de alto nível (6); Importante: formação de atletas para outras categorias, formação de atletas de alto nível e formação global da criança; nesta pergunta os técnicos colocaram o mesmo número em mais de uma alternativa, o que explica 3 respostas diferentes para item importante. O mais importante: é a formação global da criança.

Nesta pergunta os técnicos demonstraram conhecer a teoria de como deve ser o trabalho com minibasquetebol, o que é muito positivo. "Através da formação global da personalidade

do atleta como forma de integração social e de aperfeiçoamento pessoal, condição essencial para que o desporto assuma o seu pleno significado humanizador e o praticante se afirme como pessoa e cidadão"³³).

Por quê?

- Desde que muda a forma de realização do campeonato para despertar o interesse da criança para a prática do esporte.
- É uma forma sã da criança aprender algum esporte. Com isso a criança já aprende a conviver em grupo e fazer muitos amigos.
- É o primeiro contato com o esporte, e nessa idade já começa a despertar o interesse pela sua prática.
- É uma excelente oportunidade para se motivar mais crianças a praticarem a modalidade além de ser um meio eficiente para colaborar na boa formação da personalidade das mesmas.
- Através do minibásquete a criança tem o primeiro contato com o basquete dentro de uma idade que ainda possa desenvolver o gosto pelo esporte, a coordenação específica e a responsabilidade.
- Por pior que seja organizado, a realização de atividades junto a esta faixa etária, sempre trará algum benefício para a formação da pessoa. Seja uma experiência positiva ou negativa.
- Por ser uma atividade física que pode auxiliar tanto na formação do jovem como também ser o princípio de uma etapa evolutiva nesse esporte.

³³ Antonio Mello de CARVALHO, apud Leon TEODORESCU, Os problemas de teoria e metodologia nos jogos esportivos, p. 9.

. Pergunta nº 3: Você acha necessária a existência do minibasquete?

SIM - 10 (100%)

NÃO - 0

Por quê?

- Desde que mude a forma de realização do campeonato para despertar o interesse da criança para a prática do esporte.
- É uma forma sadia da criança aprender algum esporte. Com isso a criança já aprende a conviver em grupo e fazer muitos amigos.
- É o primeiro contato com o esporte, e nessa idade já começa a despertar o interesse pela sua prática.
- É uma excelente oportunidade para se motivar mais crianças a praticarem a modalidade além de ser um meio eficiente para colaborar na boa formação da personalidade das mesmas.
- Através do minibasquete a criança tem o primeiro contato com o basquete dentro de uma idade que ainda possa desenvolver o gosto pelo esporte, a coordenação específica e a responsabilidade.
- Por pior que seja organizado, a realização de atividades junto a esta faixa etária, sempre trará algum benefício para a formação da pessoa. Seja uma experiência positiva ou negativa.
- Por ser uma atividade física que pode auxiliar tanto na formação do jovem como também ser o princípio de uma etapa evolutiva nesse esporte.
- É uma oportunidade da criança praticar a modalidade em questão, além de dar início a uma possível carreira.

Nunca esquecendo o lado educacional, onde através deste meio poder-se-á atingir os objetivos condizentes a esta faixa etária.

- Principalmente para nós brasileiros, tudo tem que começar cedo, depois fica muito difícil você alcançar objetivos à nível de competição.

Todos técnicos (100%) têm a opinião que o minibasquete deve existir.

Justificam da seguinte forma: despertar o interesse da criança para a prática desportiva, atividade física, contribuir para a formação da pessoa, início de uma carreira desportiva, para se obter resultados a nível de competição.

Os técnicos têm consciência que o minibasquete deve existir, pois por seus objetivos educacionais pode ajudar tanto na formação da pessoa como na formação do atleta, despertando o seu interesse para a prática de esportes; o que está dentro dos objetivos do minibasquete, como vimos anteriormente. Já o início de uma carreira esportiva, como destes resultados a nível de competição não são objetivos do minibasquete. São objetivos para equipes de competição.

As normas que a Federação impõe não são corretas ao meu ver. Primeiramente eu sou contra a competição e atividade especializada dos 7 aos 13 anos. Acredito que se realizados festivais em forma mais frequentes e com outras normas (atletas inscritos todos da mesma cidade) estas não desestimulariam e teríamos um número bem maior de praticantes. Penso que deveríamos reestruturar todo o sistema que utilizamos, inclusive o modo dos professores atuarem nas escolinhas.

- . Pergunta nº 4: Você conhece as regras originais de minibasquete?

SIM - 9

NÃO - 1

Nove dos dez técnicos responderam que conhecem as regras originais do minibasquete, os da FIBA.

- . Pergunta nº 5: Você entende que as regras atuais da F.P.B. para o Campeonato Paulista de Minibasquete Feminino são adequadas para a faixa etária (7 a 13)?

SIM - 5

NÃO - 4

1 - não respondeu, justificou.

Acho que deveríamos repensar numa forma de campeonato, talvez com a idade até 12 anos. Festivais seria o mais indicado. A partir dos 13 anos jogos com equipes mais competitivas (ou seja, equilibradas).

NÃO

- Primeiro porque acho que a idade deveria ir até 12 anos. E acho que as regras ainda são "fortes" para essa categoria. Deveria encarar mais pelo lado pré-desportivo.
- As normas que a Federação impões não são corretas ao meu ver. Primeiramente eu sou contra a competição e atividade especializada dos 7 aos 13 anos. Acredito que se realizados festivais em forma mais frequentes e com outras normas (atletas inscritas todas da mesma cidade) estas não desestimulariam e teríamos um número bem maior de praticantes. Penso que deveríamos reestruturar todo o sistema que utilizamos, inclusive o modo dos professores atuarem nas escolinhas.

- Infelizmente nós (técnicos) trabalhamos com resultados imediatos, sem se preocupar com aspectos psicológicos, fisiológicos, etc.. Para que nós possamos ser reconhecidos profissionalmente.
- Não concordo em colocar uma criança de 7 a 11 anos para uma competição, com exigência de vitória, como muitos técnicos fazem. A partir dos 12 anos você já pode exigir mais da criança, desde que seja preparada com o conhecimento das regras.

Percebe-se aqui que os técnicos estão divididos em relação às regras, mas mostram que as regras pelo menos para 40% dos técnicos não são adequadas para a faixa etária e o que não respondeu, na sua justificativa, demonstra que também não concorda com as regras.

SIM

- As regras do jogo quando há um acordo que as equipes marquem individuais, acho ótimo.
- Está sendo realizadas dentro das condições apresentadas a ela (Federação). Agora precisar-se-á modificar o conceito de minibasquete, para alguns técnicos, pois se os professores-educadores entenderem a finalidade do minibasquete, a Federação ajustar-se-ia a atual.
- A maioria das regras são adequadas, somente deveria ser incluso a marcação individual obrigatória, e a distribuição dos jogos durante o ano.
- Acho que sim porque as equipes em sua maioria são compostas por crianças de 12 a 13 anos. O minibasquete mesmo deve ser disputado de uma maneira menos competitiva, mas por crianças mais novas.

Deveria ser modificadas algumas coisas, como tempo de posse na defesa 15s, e no ataque 45s, a marcação individual obrigatória.

Cinco técnicos (50%) acham que as regras da F.P.B. são adequadas para o minibasquete, quatro (40%) dos técnicos não concordam com as regras e um não respondeu, mas justificou; na sua justificativa deixa bem claro que não concorda com as regras. As regras da F.P.B. para a metade dos técnicos pesquisados não concorda com as regras da F.P.B. e estão muito mais próximos das regras da FIBA. Mesmo não concordando os técnicos aceitam participar do Campeonato. Existe aí uma contradição, algo está errado com os técnicos ou com a Federação. Com a F.P.B. que não está sendo sensível aos anseios dos técnicos que não concordam com as regras e com os técnicos que não procuram modificar este estado atual das coisas.

Mesmo os técnicos que responderam sim, não justificaram plenamente sua concordância com as regras.

. Pergunta nº 6: A organização do Campeonato de Minibasquete Feminino da F.P.B. atende as exigências do minibasquete quanto:

Respostas;

	SIM	4	Não	4
número de jogos	1		7	
calendário			8	
sistema de disputa	3		5	
premiação	2		6	
arbitragem	6		2	
outros:				

Deveria haver "escaltes" pelo menos nos finais pois deixa muito a desejar o sistema usado para a escolha das "melhores do ano".

Como eu já disse, precisamos de uma forma de campeonato para mini (sem muita pressão).

Considero que o minibasquete deveria ser realizado através de festivais, sem dar muita importância para conhecer o campeão e sim com medalhas ou diplomas de participação para todas as jogadoras.

Devemos levar em consideração que há vários fatores que impedem a esta entidade esportiva realizar de maneira satisfatória, fatores estes impostos pelos clubes.

Premiar a equipe que mais ou melhor biotipos apresentarem nos jogos (maior média de altura, maior número de meninas sem menstruar)difícil controlar).

. Respostas:

No item premiação 6 técnicos discordam da maneira como a F.P.B. atualmente faz. A premiação é feita da seguinte forma: medalhas até o terceiro lugar, troféus para o 1º e 2º lugares, são premiados ainda a cestinha de 2 pontos, a cestinha de 3 pontos, melhor jogadora e melhor técnico.

No item calendário, 8 dos técnicos não concordam com o calendário. O campeonato é realizado em janeiro do ano seguinte, na primeira quinzena.

No item sistema de disputa, 5 dos técnicos discordam do sistema de disputa. Os critérios mudam a cada ano, mas normalmente são divididas em grupos e os classificados continuam na competição e os eliminados vão para casa. Como frisei a cada ano muda o sistema.

No item número de jogos, 7 dos técnicos discordam do sistema atual. As equipes, dependendo do seu nível técnico,

pode jogar de 3 no mínimo, a 7 ou 8 jogos no máximo.

No item arbitragens, 6 dos técnicos concordam com as arbitragens. No campeonato a equipe de arbitragens é composta apenas por mulheres e também é uma oportunidade para os árbitros iniciantes atuarem.

No item outros; as sugestões dos técnicos passam por premiação, sistema de disputa.

Podemos observar que a forma como a F.P.B. não satisfaz a maioria dos técnicos, com exceção das arbitragens. Se a maioria dos técnicos não está satisfeita com a organização, por que continuam participando de um campeonato onde seus desejos não são satisfeitos. Por outro lado, os técnicos não têm iniciativa para apresentar uma nova forma de organização. A Federação não está sendo sensível aos técnicos, pois a maioria não concorda com a organização e ela não muda a organização do campeonato.

. Pergunta nº 7: Você tem alguma sugestão para modificar as regras do campeonato?

. Respostas:

— Primeiramente acabar com a forma competitiva do campeonato. União das equipes participantes (técnicos dirigentes) para que possamos pensar primeiro na criança e não no mini atleta.

— Fica difícil para descrever em poucas linhas. É um assunto para ser debatido entre as pessoas que trabalham com crianças.

— Maior número de jogos durante o ano.

- Sim. No limite de idade. Os técnicos deveriam ser substituídos por monitores também com limite de idade.
- Algumas mudanças de regras (até 12 anos) a não existência de sùmula (vencedores e perdedores). maneira de classificação final. A mistura das equipes no 1º dia.
- O campeonato deveria ser realizado no decorrer do ano todo, ocasionando um número maior de jogos, sendo que a 1ª fase seria dividida por regiões, com turno e retorno e a 2ª fase com cruzamento.
- Sim. Misturar as equipes (jogadoras) numa primeira fase, para eliminar a tensão da competição e depois cada jogadora defende o seu próprio clube.
- Sim. Obrigatoriedade de marcação individual 1/2 quadra sem pressão 2 x 4 de ajuda aproximada do aldo contrário para que seua realmente criada a situação de 1 x 1.
Em situação ofensiva não ter posição fixa, 5 abertos para que cada um tenha conhecimento de todos os fundamentos.
- Não conheço muito das mesmas.

Várias - a principal: quem organiza deveria conhecer profundamente o assunto (professor especializado). Não apenas admirador do assunto. Este assunto deveríamos conversar mais demoradamente.

Nesta pergunta muitos técnicos confundiram regras com organização. A maioria das sugestões são para a organização (competição, campeonato durante o ano). Uma sugestão que poderia ser adotada seria a marcação individual, mas não é uma regra de jogo e sim uma regra técnica.

Uma das poucas sugestões foi para o limite de idade para todas as jogadoras.

de (12 anos), mas em relação à altura do aro, tempo de jogo, número de jogadores, arbitragem, contagem de pontos, regras dos 30s, regra dos 3s e resultado do jogo. Apenas dos técnicos terem afirmado que conhecem as regras fica a dúvida de quais regras conhecem. Ao nosso ver eles conhecem são as regras da F.P.B. e não as regras originais. Dos 10 técnicos apenas 2 sugeriram modificações na regra e para a mesma sugestão: a idade limite de 12 anos. Essa sugestão vai ao encontro das regras da FIBA.

. Pergunta nº 8: E para a organização?

- Deveria haver mais festivais, encontros mensais e muito mais atenção para os atletas desta categoria.
- Um maior número de jogos, mas sem finalidade competitiva e sim com fins educacionais e de formação global, realização de vários festivais.
- Fazer jogos corridos durante o ano e terminar com um grande festival. Premiar todas as meninas que participaram dos jogos. Mais atividades fora dos jogos de basquetebol.
- Não deveria existir linha de 3 pontos. Colocado como regra: a obrigatoriedade da marcação individual.
- Primeiramente que a categoria de 13 anos mude de nome, mas continue com tabela pequena. Em 2º lugar que o mini (12 anos) seja disputado através de encontros sem colocação final e com brindes para todos os participantes.
- Marcação individual obrigatória.
- Considero que o minibasquete deveria ser realizado através de festivais, sem dar muita importância para conhecer o campeão e sim com medalhas ou diplomas de participação para todas as jogadoras.

- Organização de vários festivais, onde a criança seria analisada como um todo. Principalmente a parte de formação da própria criança.

Mesmo com alguns técnicos confundindo organização com regras podemos observar que as sugestões dadas são muito boas ao nosso ver, para a premiação, sistema de disputa, número de jogos. A sugestão para mudança de nome da categoria, mantendo-se a tabela com 2,75m é o caminho natural para esta categoria que hoje é chamada de mini. Percebe-se que a maioria dos técnicos prefere aos festivais do que à competição. Os técnicos demonstraram que conhecem uma das tendências de se trabalhar o minibasquete com a realização de festivais. O que fica claro é que o atual sistema que a F.P.B. utiliza para o Campeonato Paulista de Minibasquete Feminino não está gradando a maioria dos técnicos.

. Pergunta nº 9: Como deve ser o trabalho com minibasquete?

- Vários pontos importantes: 1º) formação integral da criança; 2º) trazer as crianças para os ginásios, saindo das ruas; 3º) colocar um objetivo para cada criança para melhor desenvolvimento físico e psicológico.
- Na minha opinião, deve haver muita recreação e atividades lúdicas, (direcionadas ao esporte) para despertar o interesse da criança.
A atividade rítmica, utilizando inclusive música, muito trabalho de coordenação e de todas as qualidades físicas básicas e de todos os fundamentos do esporte.
- Desenvolver na sua totalidade a coordenação motora de cada criança sem a preocupação de se dar a ela uma posição no jogo.

- Se for levada em consideração a faixa etária real do mini (7 a 12 anos) o trabalho deverá ser recreativo e com objetivos de melhorar a formação das crianças (desenvolvendo qualidades no aspecto comportamental), além de ensinar os fundamentos básicos do basquete e ampliando o repertório motor.
- O trabalho de uma forma natural com espontaneidade, determinação e entusiasmo, trabalhando sempre respeitando as individualidades das crianças junto com os fundamentos dados.
- Desenvolver os aspectos motores, emocionais e cognitivos, objetivos referente àquela faixa etária. Muito trabalho, pois é a categoria que precisa ser investida.
- Eu acredito que o minibasquete realizado como seja um bom trabalho em termos de Brasil.
- Um trabalho de formação sem visar futuros atletas ou grandes equipes e sim fazer parte de sua educação.
- Deve ser como uma "escolinha maternal", muito cuidado, muita psicologia e carinho.
- 3 itens principais:
 - técnico - 80% fundamentos sem especialização de posições de jogo;
 - tático - 20% somente exercícios que busquem tomada de decisões individualmente. Sistema de ataque e defesa individual, por que assim trabalharemos padrões abertos e fechados;
 - físico - junto ao técnico.

Ao responderem esta pergunta, nota-se a preocupação dos técnicos com o trabalho de minibasquete, que deve ser trabalhada com muito cuidado. Nota-se que ainda alguns técnicos têm uma preocupação com a parte técnica para a formação de joga-

doras de basquete e que o lado educacional vem como um auxiliar importante. O ponto positivo desta questão é que percebemos os técnicos conscientes que o minibasquete, além de ser um pré-desporto, é um meio que pode ajudar na educação das crianças.

. Pergunta nº 10: Explique como é formada sua equipe mini:

qual é o mecanismo utilizado para a formação da sua equipe que disputa o Campeonato Paulista?

— É formada depois de uma peneira de 100 crianças. As que mais se destacam são federadas e acompanham a equipe mirim em alguns jogos mais fáceis e participam de festivais da liga (um total de 25 meninas).

— No final do ano quando normalmente é disputado o Estadual mini, nós selecionamos 15 para um treinamento final, que formam a equipe A, as demais geralmente com idade precoce formam a equipe B que será a equipe A do próximo ano.

— As escolinhas são realizadas em vários centros de treinamento com meninas na faixa etária de 9 a 13 anos.

Nestes centros ao final do ano são realizados festivais dos quais uma comissão seleciona as meninas com mais recursos técnicos, elas irão formar as equipes pré-mini e mini que passarão para um treinamento específico visando as competições realizadas no ano seguinte.

O pré-mini treina 2 vezes por semana, e o mini 3 vezes por semana.

A possui 5 núcleos com iniciação em minibasquete com crianças de 9 a 13 anos.

Minha equipe é formada desses núcleos.

Parâmetros: biotipo, habilidade e agilidade.

- A equipe mini é formada com crianças participantes da escolinha no decorrer do ano, porque o campeonato é realizado em janeiro do ano seguinte. E o mecanismo utilizado é basicamente através de fundamentos.
 - Em função do mini atualmente ser sediado e disputado por meninas de até 13 anos, nós fazemos um processo de seleção de algumas meninas das escolinhas para comporem uma equipe para disputar a competição. Não há nenhuma preocupação tática na montagem da equipe.
 - Através da escolinha formada com crianças que se inscrevem no início do ano.
 - As crianças são trazidas para os ginásios de vários pontos da cidade. Dai se trabalha com a criança que provavelmente tem um potencial para algum esporte. Crianças com alturas elevadas (acima da média) são abertas essecões para trazer de outras cidades.
 - Até 1989 fazíamos um trabalho com escolinhas o mais próximo da realização do campeonato, selecionavamos as melhores jogadoras sempre em torno de 20, para podermos trabalhar também com a formação da criança fora da quadra, no sentido principal e das responsabilidades.
- OBS.: Considero necessário, nesse país, que se crie uma política de esporte.

Aqui temos o que realmente os técnicos fazem no seu trabalho com minibasquete, podemos observar pela maioria das respostas que todos fazem a seleção dos melhores, os mais hábeis são privilegiados. Volto a insistir, como já vimos, o mini basquete é destinado a todas as crianças e não aos melhores. Aqui temos a contradição mais comum, sempre que falamos em minibasquete os técnicos falam em educação, formação global da crian

ça e etc.. Mas o que fazem não é nada diferente do que selecionar os melhores para disputar o campeonato. É o velho problema na teoria somos educadores, temos conhecimento; mas na prática somos mesmo treinadores preocupados com formar somente jogadores de basquete. O conceito de formação global da criança é até duvidoso pelo que foi respondido, o minibasquete em sua teoria até é muito bem conhecido pelos técnicos, mas na sua prática não é diferente do trabalho de outras categorias, sendo frontalmente contra os seus princípios e objetivos.

7. CONCLUSÃO

O minibasquete será muito discutido enquanto os técnicos de basquetebol não tomarem consciência dos seus objetivos. Muitas das distorções que hoje existem no minibasquete não são fruto do esporte e sim das pessoas que trabalham nele. Não podemos aceitar que crianças sejam submetidas às mesmas regras dos adultos, pois assim não estaremos respeitando-as nas suas individualidades. "Os objetivos esportivos ou profissionais não deverão seguir caminhos diferentes daqueles necessários para que o homem, como ser imperfeito, se aperfeiçoe como indivíduo e ser social" (34).

Como podemos observar em nosso trabalho, as regras utilizadas pela Federação Paulista de Basquete (F.P.B.) para o Campeonato Paulista de Minibasquete Feminino, não são as mesmas da Federação Internacional de Basquete Amador (FIBA). As modificações da F.P.B. aproximam o minibasquete ao basquete dos adultos, para se ter uma idéia, as regras de minibasquete tem 46 artigos e as regras oficiais tem 91, é praticamente o dobro. As poucas semelhanças das regras são: bola menor, tabela menor e número de jogadores obrigatórios, mas como já foi visto, também foram modificadas pela F.P.B. "Do modo como é feito o jogo, o mais importante não é o jogador, e sim o jogo, as regras impõe a lógica interna que determina as condutas matrizes e os atos. É fundamental analisar cada jogo as margens de iniciativa e o campo de possibilidades que oferece cada jogador. Neste sentido, o jogo pode ter um valor pedagógico. A existência das regras moldadas pela necessidade de regulamentar atos e ações de confronto, pode inviabilizar o caráter pedagógico do esporte em determinadas faixas

³⁴ João Paulo MEDINA, Educação Física cuidado co corpo e ... "mente": lazer para a renovação e transformação da Educação Física, p. 86.

xas etária"⁽³⁵⁾.

As regras da F.P.B., que são praticamente as mesmas dos adultos, quanto a aplicação são muito rígidas. Com isso vai substituindo o prazer e a ludicidade pela seriedade, o que pode diminuir o interesse das crianças para jogarem minibasquete.

As regras da F.P.B. estão descaracterizando o minibasquete como um jogo de crianças, exigindo um esforço muito grande e submetendo-as às mesmas regras e pressões dos adultos desde muito cedo, sendo prejudicial para a sua formação. Assim, fica muito difícil preservar o minibasquete com seus princípios e seus objetivos. É o basquete em miniatura e não o basquete jogado por crianças. "Sua aplicação é feita da mesma forma: as punições para as violações se equivalem, pois, para o basquete de competição, o importante é vencer e o respeito pelas regras faz parte do jogo. Ora, mesmo considerando a competição nesta faixa etária, o processo de aprendizagem se torna incorreto, pois em nenhum momento foram consideradas as particularidades, no que se refere à idade e às fases que compõem a formação de um ser, igualando o tratamento desde a segunda infância até a idade adulta, sem esquecer que aí estão envolvidos profissionais"⁽³⁶⁾.

Quanto mais regras têm um jogo, mais difícil para ser dominado, ou seja, exige um treinamento especializado. O minibasquete foi idealizado para facilitar a aprendizagem das crianças, por isso suas regras são mais simples e adequadas para a faixa etária (7 a 12 anos). As regras da FIBA, órgão que rege

³⁵ Roberto PAES, Tese de Mestrado: Aprendizagem e competição precoce: o caso do basquetebol, p. 46.

³⁶ Ibid, p. 46

o basquetebol mundial, e estas são como, então, um órgão regional (F.P.B.) muda as regras da FIBA e não se vê contestação por parte de ninguém. O que queremos mostrar é que existem regras adequadas para as crianças e que a F.P.B. não as adota.

A F.P.B. que deveria se preocupar com o desenvolvimento do minibasquete não se preocupa muito com esta categoria, estamos falando do feminino, pois o masculino tem suas peculiaridades. A F.P.B. se limita a aproximar o final do ano, convidar as equipes que desejam participar do Campeonato Paulista de Minibasquete Feminino, discutir a sede do evento (geralmente na cidade do provável campeão), marcar data, aceitar as inscrições, enviar a equipe de arbitragem e seu representante. Durante o ano inteiro a F.P.B. não promove nenhum evento de minibasquete feminino. Agora pergunto: Como vamos desenvolver o minibasquete feminino se a entidade que é a responsável não faz nada para promovê-lo? A F.P.B. precisa urgentemente reavaliar sua posição em relação a esta categoria, pois não está sendo muito atuante, pelo que os técnicos responderam na nossa pesquisa, em relação à organização.

Em relação às regras, os técnicos deram a entender que existe uma confusão sobre as regras, não tendo um conhecimento fundamentado sobre as regras originais de minibasquete (FIBA) e sim somente das regras da F.P.B. Também que a maioria não concorda com a atual fórmula do Campeonato Paulista, manifestando a vontade de que outro tipo de fórmula seja adotada. O que nos causa um pouco de estranheza é que mesmo não concordando, aceitam em participar com suas equipes. O que mostra uma fraqueza da Educação Física. ^{em} ~~em~~ relação ao esporte que não consegue ter uma posição segura, ^{de} ~~de~~ mostrar o valor do mesmo como cultura, bem como sua importância na contribuição da inserção do indivi-

duo na sociedade. "Através da formação global da personalidade do atleta como forma de integração social e de aperfeiçoamento pessoal, condição essencial para que o esporte assuma seu pleno significado humanizador e que o praticante se afirme como pessoa e cidadão" (37).

Ao finalizar não gostaria apenas de fazer críticas, pois seria muito fácil apontar os erros, mas por outro lado, não é nossa idéia apresentar fórmulas mágicas para este problema. As sugestões que vamos apresentar são idéias que não precisam ser adotadas como verdade, gostaríamos de discutí-las.

- deveria ser criado o Comitê Brasileiro de Minibasquete que organizaria a categoria no Brasil;
- o minibasquete deveria ser uma categoria onde participariam todos os segmentos esportivos, principalmente o escolar;
- a criação da Associação Brasileira de Minibasquete, para que junto com o Comitê Brasileiro de Minibasquete discutam os problemas da categoria.

O que gostaríamos é ver todas as crianças praticando o minibasquete, com alegria e prazer, não importando se são gordos, magros, fortes, fracos, altos ou baixos. Simplesmente jogar minibasquete.

³⁷ Antonio Mello de CARVALHO, apud Leon TEODORESCU, Os problemas de teoria e metodologia nos jogos desportivos, p. 9.

BIBLIOGRAFIA FINAL

1. ALVES, Rubem. A gestação do Futuro. Campinas, Papirus, 1986. 199p.
2. CAGIGAL, José M. OH! DEPORTE!; anatomia de um gigante. Valladolid, Minon, 1981. 234p.
3. DANTO, Moacyr. Basquetebol; metodologia do ensino, 5.^a ed., rev. amp. São Paulo, Brasinpal, 1971. 417p.
4. . Basquetebol; minibasquete regras oficiais comentadas. São Paulo, Cia. Brasil Editcra, 1973. 240p.
5. DIECRERT, Jürgen. Elementos e princípios da Educação Física; uma antologia. Rio de Janeiro, Ao Livro Técnico, 1986. 178p.
6. DUMAZEDIER, Jofre e outros. Olhares novos sobre o desporto. Lisboa, Compendium, 1980. 125p.
7. FREIRE, João Batista. Educação de corpo inteiro; teoria e prática da Educação Física. Campinas, Scipione, 1989. 224p.
8. HUIZINGA, Johan. Homo Ludens; o jogo como elemento da cultura. São Paulo, Perceptiva, 1980. 242p.
9. LE BOUCH, Jean. Rumo à ciência do movimento humano. Porto Alegre, Artes Médicas, 1987. 237p.
10. LIVRO DE REGRAS DA SECRETARIA DOS DESPORTOS DA PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA.

11. MEDINA, João Paulo. A Educação Física cuida do corpo ... e "mente/; bases para a renovação e transformação da Educação Física. 2^a ed., Campinas, Papirus, 1986. 96p.
12. MOREIRA, Wágner Wey. Educação Física Escolar: uma abordagem fenomenológica. Campinas, Ed. Unicamp, 1991.
13. PAES, Roberto. Aprendizagem e competição precoce: o caso do basquetebol. Tese de Mestrado. Universidade Metodista de Piracicaba, 1989.
14. TEODORESCU, Leon. Os problemas da teoria e metodologia nos jogos desportivos. Lisboa, Horizonte, 1984. 222p.

ANEXO I

QUESTIONÁRIO

A N E X O I
QUESTIONÁRIO

NOME: _____

DATA DE NASCIMENTO: _____ LOCAL: _____

SEXO: M () F ()

ESTADO CIVIL: CASADO () SOLTEIRO () VIÚVO ()
DIVORCIADO () DESQUITADO () Outro _____

CLUBE A QUE PERTENCE: _____

Já jogou basquete(Sim () não ()

Se já jogou, em que nível:

() escola () clube () recreação () universidade

É graduado em Educação Física sim () não ()

Onde se graduou: _____

Está cursando Educação Física? sim () não ()

Onde?: _____

Qual semestre? 1º () 2º () 3º () 4º ()

Por que? 5º () 6º () 7º () 8º ()

01. Há quanto tempo trabalha com minibasquete?: _____

02. Responda, colocando na ordem de importância, quais os objetivos do minibasquete: 1) o menos importante; 2) pouco importante; 3) importante; 4) o mais importante. Responda todas as alternativas.

a) Formação de atletas para outras categorias (mirim, infantil, juvenil e adulto ()

b) Formação de atletas de alto nível ()

c) Formação global da criança ()

d) Formação de uma equipe mini para ganhar campeonato ()

e) outros: _____

03. Você acha necessária a existência do minibasquete?

sim () não ()

Por que?

04. Você conhece as regras originais do minibasquete?

sim () não ()

05. Você entende que as regras atuais da Federação Paulista de Basquete para o Campeonato de Minibasquete Feminino são adequadas para a faixa etária (7 a 10 anos)?

sim () não ()

Por que?

06. A organização do Campeonato de Minibasquete Feminino pela Federação Paulista de Basquete atende às exigências do minibasquete quanto:

	sim	não
número de jogos	()	()
calendário	()	()
sistema de disputa	()	()
premiação	()	()
arbitragens	()	()

outros: _____

07. Você tem alguma sugestão para modificar as regras do Campeonato Paulista de Minibasquete Feminino?

08. E para a organização?

09. Como deve ser o trabalho com minibasquete?

10. Explique como é formada sua equipe mini; qual é o mecanismo utilizado para a formação da sua equipe mini que disputa o Campeonato Paulista?